



O discurso feminista nos editoriais e artigos do jornal Plantão Popular¹

Juliana Cristina da Silva Ferreira²

Yasmin Gatto Cardoso³

Sandra Helena da Silva⁴

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise do discurso feminista nos editoriais e artigos, publicadas no Plantão Popular de dezembro de 2013 a março de 2014. Para isso foi feita uma contextualização histórica sobre o discurso feminista na imprensa e definido quais os assuntos abordados pelo movimento feminista. Buscou-se retratar como os gêneros opinativos retrataram a mulher e o seus direitos na sociedade, visto que a maior parte da mídia idealiza “a mulher moderna” que conquistou todos os espaços. Foi observado que o jornal Plantão Popular resgata o discurso feminista e defende a igualdade de gênero, liberdade e combate a violência e desmistifica o estereótipo que o movimento feminista é algo ultrapassado.

PALAVRAS-CHAVE: discurso feminista; mulher; imprensa; Parintins

1. INTRODUÇÃO

A mulher sempre foi retratada nos meios de comunicação, seja em propagandas, notícias, reportagens ou em gêneros opinativos. Em cada época a mulher assume uma imagem, que vai de acordo com os interesses da classe dominante. Atualmente a “mulher moderna” ganha cada vez mais destaque na imprensa. Essa a mulher trabalha,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: julianacsf.jnr@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: yasmin_gatto_cardoso@hotmail.com

⁴ Orientadora do Trabalho. Professora de Serviço Social do ICSEZ-UFAM, email: sandrahsf@gmail.com



cuida dos filhos, marido, casa e está sempre bonita e “satisfeita” com a sua vida. Isso vai de encontro ao sistema capitalista, que vê a mulher como consumidora.

A luta por igualdade de gênero, fim do preconceito, aumento salarial e outros direitos são discursos quase que inexistentes na grande mídia. O movimento feminista é quase imperceptível, apesar de ter sido pauta de reflexão e gerador de mudanças, em especial para mulheres, encontra pouco espaço na imprensa. O feminismo e a luta das mulheres conquistaram o voto, a educação, a lei contra violência doméstica, entre outros. Mas, ainda existe muito a se fazer.

Méndes (2007) afirma que a mídia retrata a mulher emancipada, livre e independente financeiramente que ainda assim, não esquece o seu lado doce e feminino. Quando uma mulher protesta ou debate temáticas feministas acaba sendo taxada de “radical”. Essa imagem ajuda a negar que o feminismo ainda é uma questão pertinente. “A imprensa brasileira tem apresentado (de forma majoritária) um comportamento refratário aos ideais feministas, utilizando-se de diversos mecanismos discursivos para desqualificá-los” (MÉNDES, 2007 p. 271).

Esse artigo faz uma análise de como o jornal Plantão Popular do município de Parintins retrata o discurso feminista, em especial, nos gêneros opinativos como editorial e artigo. O jornal foi escolhido propositalmente por ter um compromisso maior com os leitores. De acordo com Dutra e Souza (2013) o veículo tem aspectos do jornalismo resistente e da voz à comunidade e aos movimentos sociais. Para a análise foram selecionadas onze edições, em quatro delas foram identificados textos que fazem analogia aos princípios do movimento feminista.

O Plantão Popular, diferente da maioria dos jornais do município quebra o estereótipo da “mulher moderna” e abre um espaço para reflexão do papel da mulher nos dias de hoje. Os editoriais e o artigo mostram casos de opressão, violência, violação de direitos e os preconceitos de uma sociedade patriarcal. O estudo é de extrema importância, pois além de abrir campos para futuras pesquisas é pouco explorado no município.

2. GÊNEROS OPINATIVOS

Os gêneros opinativos nos jornais impresso possuem grande destaque, pois diferente das notícias promovem uma reflexão sobre o assunto abordado e tem o intuito de orientar, informar e divertir o leitor. O texto é flexível, neles os autores podem



expressar opinião e argumenta-la, para isso muitos recorrem a metáforas, referências e outros recursos linguísticos que fogem da objetividade.

A opinião no jornalismo, de acordo com Melo (2003) esteve presente nos primeiros jornais e revistas brasileiras. Toda empresa tem uma posição ideológica ou linha política e a partir dela que suas mensagens são estruturadas. Os gêneros opinativos se constituem, então, em quatro núcleos: empresa, jornalista, colaborador e leitor. Para Carvalho e Puzzo (2003) os gêneros opinativos fazem com que o interlocutor crie um ponto de vista, isso só é possível devido a totalidade do gênero. Os textos de opinião tem caráter formal e se configuram como gêneros secundários. Visto que as discussões trazidas pelos jornais são construídas em instância pública e em atividades socioculturais.

Dentre os gêneros opinativos no jornalismo temos editoriais, artigos, notas, cartas, comentários, resenhas, crônicas, colunas, e charges. Para o presente estudo levou-se em consideração os artigos e o editoriais do jornal Plantão Popular. O veículo circula no município de Parintins no Estado do Amazonas desde 2010. Até 2013 era impresso de terça a sábado. Mas, atualmente o jornal sai três vezes por semana (terça-feira, quinta-feira e sábado). O jornal é impreso em duas folhas frente e verso em tamanho A3. Em todas as edições, na página dois são encontrados editoriais, artigos e outros gêneros opinativos.

Para análise dos mesmos, se faz necessário conceituá-los e caracterizá-los. Apesar de editoriais e artigos serem opinativos e ambos estarem presentes em jornais impressos apresentam especificidades. Melo (2003) afirma que o editorial é um gênero que emite de forma direta a opinião da empresa sobre um fato atual, em geral noticiado no jornal. O fato do editorial ser entendido como porta-voz da instituição ou dono da empresa, merece ressalva, isso em geral acontece apenas em pequenas empresas, onde o controle financeiro fica nas mãos de um proprietário ou de sua família.

Assim como outros gêneros jornalísticos o editorial apresenta algumas características: impessoalidade (pois não é assinada e pode ser usada tanto na primeira como na terceira pessoa); topicalidade (o tema tratado é claramente debatido); condensalidade (o texto é claro e bem definido); plasticidade (acompanha o ritmo dos fatos e seus desdobramentos). Segundo Carvalho e Puzzo (2003) o editorial mostra o ponto de vista do editor, que representa a empresa ou grupo a qual pertence. A formalidade do editorial é uma característica marcante, visto que o mesmo se fundamenta na filosofia e nos interesses econômicos da empresa.



O editorial se difere bastante do artigo de opinião que é escrito na primeira pessoa e assinado. O artigo também não representa a empresa, apenas o ponto de vista do autor. Melo (2003) destaca que em artigos a linguagem é mais flexível e o tema atual, ou seja, trata do momento histórico vivido. Esses tipos de texto são feitos por comunicadores que não são especificamente jornalistas, mas especialistas do assunto e que tem dimensão profunda do fato. “A opinião do colaborador, geralmente personalidades representativas da sociedade civil que buscam os espaços jornalísticos para participar da vida política e cultural, expressa-se sob forma de artigos” (MELO, 2003 p. 102).

Uma coisa comum entre os dois gêneros são o poder reflexão sobre o assunto abordado. Quando se escreve um texto opinativo, há uma intenção e essa fica claramente exposta. A análise de gêneros opinativos em diferentes momentos traz ricas contribuições para entender a dinâmica da sociedade em determinada época e os diferentes pontos de vistas. Assim como possibilita entender como um assunto é tratado se existe preconceito, revolta ou passividade sobre o tema.

A imprensa retratou a mulher de diferentes formas e de acordo com o seu interesse. Há momentos em que o gênero feminino foi visto como inferior, frágil, outros como revolucionária e vencedora. Da mesma forma acontece com o movimento feminista que por muito tempo foi boicotado pela mídia conservadora e hoje é visto como ultrapassado pela “mulher moderna”. No próximo tópico apresentamos uma discussão teórica sobre o feminismo, suas lutas e a imprensa.

2.1 FEMINISMO E IMPRENSA

Com o movimento feminista muito se avançou na efetivação e no acesso das mulheres aos direitos civis, políticos e sociais, além de sua ampla inserção na economia e política. A busca por melhores condições de vida, reconhecimento e visibilidade midiática de milhares de mulheres, ao longo da história trouxeram resultados benéficos. Além da possibilidade de inserção em espaços, até então impossíveis, como cargos de direção, políticos, além de leis específicas de prevenção e proteção contra a violência, o direito ao prazer sexual, e ao uso de métodos anticoncepcionais, entre tantos outros direitos. Atualmente a grande mídia, em especial revistas e editoriais destinadas ao gênero feminino falam da “mulher moderna” que trabalha, ocupa cargos importantes e



tem uma boa situação financeira. O movimento feminista parece ter atingido o seu ápice.

Para Méndes (2007) a mulher não é vista como uma sujeita capaz de quebrar paradigma e gerar grandes mudanças no atual contexto social, mas, sim como trabalhadora e consumidora dentro da lógica capitalista. Os meios de comunicação abraçaram essa ideia de “mulher emancipada e bem-sucedida” que se preocupa com sua feminilidade, vaidade, e ainda dá conta de ser uma boa profissional, mãe e esposa.

Na atualidade, percebe-se que a imprensa brasileira regozija a mulher que consegue cumprir perfeitamente esse papel. Para isso, a mulher necessita possuir importantes aliados: eletrodomésticos cada vez mais eficazes, um sem-número de alimentos prontos e de fácil preparo, produtos de limpeza que facilitem seu trabalho doméstico, e, como não poderiam faltar, abundantes produtos destinados a conservá-la jovem, bela e atrativa para seu esposo. A imprensa congratula-se com esse feminismo pasteurizado, que, ao que tudo indica, contribuiu para edificar uma nova imagem da mulher, aparentemente independente e livre, porém, condenada a ser – no máximo – sujeito da sociedade de consumo. Pouco se debate na imprensa sobre a necessidade de uma nova divisão sexual do trabalho, e poucos debates trazem à tona a questão dos direitos reprodutivos (MÉNDES, 2007 p. 284).

A realidade da mulher do século XXI é complexa e está longe de ser a ideal, são noticiados quase que diariamente casos de mulheres que são mortas por seu namorados ou maridos, abuso sexual, opressão, violência doméstica, dupla jornada, mulheres em subempregos e com salários mais baixos comparados aos homens, as desigualdades de gênero continuam. De acordo com Carvalho (2009), parte da sociedade entende que mulher conseguiu obter todos os espaços e as diferenças entre homens e mulheres acabaram. Dessa forma, o feminismo parece ultrapassado.

“A mídia conversadora e certo homens (e até mesmo mulheres) sustentam uma imagem negativa das feministas: mulheres que queimam sutiãs nas ruas, que não gostam de homens, mal-amadas, lésbicas... Há quem pense que não existe mais discriminação, subordinação ou opressão das mulheres, graças à atual visibilidade das mulheres na escola e no mercado de trabalho, fato que mascara continuidades na divisão iníqua de sexo/gênero de conhecimento e do trabalho” (CARVALHO, 2009 p.11)

De acordo Woitowicz (2005) o movimento feminista perdeu reconhecimento ao longo dos últimos 30 anos e tem uma imagem estereotipada construída também pelos meios de comunicação. É necessário entender que assim como a sociedade se transforma, os movimentos se renovam e surgem novos desafios, como paridade em



matéria política, combate a violência, autonomia e desmistificação de certos padrões de comportamento. Dessa forma, não é porque a mulher vive em uma falsa visão de independência que novas lutas devem ser esquecidas

Para Carvalho (2009) o feminismo é tanto uma ideologia de libertação das mulheres, como uma teoria crítica sobre a discriminação da inferioridade do sexo feminino e dominação masculina. A visão patriarcal da sociedade foi construída nas relações de desigualdade dos gêneros com base nas diferenças entre homens e mulheres, colocando a mulher numa situação de inferioridade. Em nenhum lugar do mundo as mulheres conseguiram direitos de voto ou educação antes dos homens. A história do feminismo perpassa desde a luta pelo voto na metade do século XIX, a conquista do direito a educação tanto nível médio como superior e se estendem até hoje com direitos trabalhistas, salários iguais, divisão dos trabalhos domésticos, educação dos filhos, direitos reprodutivos e legalização do aborto.

Trigo e Brioschi (2009) afirmam que para entender o feminismo é necessário primeiramente entender o patriarcado. A sociedade pós-colonial se configura no sistema patriarcal, ou seja, um sistema sustentado pela heterossexualidade em que o homem domina a mulher, tanto no lar, como econômica, cultural e sexualmente. Nessa sociedade a mulher é vista como inferior e encaram outras mulheres como inimigas e abre-se uma disputa entre o sexo feminino com ele mesmo.

Diante disso, a luta do movimento feminista não é ultrapassada e tem um longo caminho a percorrer. Visto que nem todos os direitos assegurados englobam todas as mulheres. O movimento também acolheu os homens, pois a luta pela igualdade de gênero pode ser compartilhada por qualquer pessoa, incluindo homens, donas de casas ou empresárias que se incomodam com o atual sistema patriarcal e até mesmo machista que subestima a mulher.

Os jornalistas podem ser considerados líderes de opinião e os meios de comunicação emitem ideias para um enorme fluxo de pessoas. Nem tudo que é divulgado pela mídia é entendido como verdade absoluta pelos receptores. Mas, fica claro que a imprensa conservadora defende o ponto de vista do capital, da mulher como consumidora e subproduto do homem. Consequentemente influencia parte da sociedade a pensar igual. Nessa lógica o movimento feminista perde espaço e não consegue estabelecer um diálogo amplo sobre valorização, direito e igualdade.



Bel Hooks (2000) *apud* Carvalho (2009) transcreve que não se nasce feminista, torna-se. Existem grupos que auxiliam mulheres a se conscientizar, essa é a única forma da mulher conseguir sua liberdade.

Conscientizar-se do próprio sofrimento da opressão é a pré-condição subjetiva para a ação libertadora; coletivamente, a conscientização, envolve compartilhar o entendimento dos problemas e o estudo da história individual e social das mulheres. apesar da diversidade (de classe, raça, idade/geração, religião etc), as experiências individuais configuram um padrão que reflete uma estrutura de opressão e exploração (CARVALHO, 2009, p. 29).

Woitowicz (2005) afirma que a partir do momento que as mulheres se organizaram em diversos movimentos sociais, em especial na década de 70, as mesmas procuraram estabelecer um diálogo com as simpatizantes dos movimentos. Havia uma necessidade de criar um vínculo e conscientiza-las sobre seus direitos sociais e políticos. Vale ressaltar que esses espaços só eram concedidos em jornais alternativos que desafiavam o poder estatal e denunciavam situações de opressão. A imprensa atua como um importante aliado para conscientização das mulheres e abriu diversos espaços de debate.

No período da ditadura militar existia uma censura nas publicações que tratavam de liberdade de expressão e iam contra o princípio dos militares. Como forma de resistência surgem centenas de jornais que ficam conhecidas como imprensa alternativa, que defendiam o interesse da população e dos movimentos sociais. Nessa lógica o movimento feminista ganha grande atenção. Há jornais que se destacaram como “Movimento” e “Opinião e Repórter”. (WOITOWICZ, 2005)

Artigos e reportagens destes jornais tiveram papel fundamental no processo das lutas e transformações sociais, e em especial no papel da mulher na sociedade. Entre os temas de luta destaca-se: a liberdade sexual, igualdade de gêneros, legalização do aborto e a regularização de inúmeras políticas públicas. “O jornalismo é visto como um campo de constante luta e diálogo, reconhecendo o discurso com uma batalha também travada na imprensa, que se soma às ações concretas das feministas” (WOITOWICZ, 2005, p.02)



2.3 ANÁLISE DO CORPUS

Para a análise do presente estudos foram selecionadas onze edições do jornal Plantão Popular no período de 19 de dezembro de 2013 a 08 de março de 2014. O veículo tem tiragem de 400 cópias por edição e é vinculado três vezes na semana. As edições não foram escolhidas em sequencia justamente para que os temas dos editoriais e artigos pudessem fluir. Dessa forma, selecionamos uma média de quatro exemplares de cada mês.

Antes de iniciar a análise do jornal sabe-se que o mesmo tem um compromisso social e político de dar voz à população e aos movimentos sociais. Dutra e Souza (2013) afirmam que o Plantão Popular possui característica do jornalismo resistente, ou seja, tem abordagem mais democrática abre espaços para fala da população e tratam de assuntos que muitas vezes são ocultados pela grande mídia.

As ideias do feminismo ao longo da história, e principalmente nas décadas de 70 e 80 teve espaços em jornais que iam contra a lógica de dominação existente. Logo se imaginou que o Plantão Popular poderia dar voz - principalmente nos gêneros opinativos que mostram claramente a posição do jornal ou de seu colaborador - a igualdade de gênero, violência, opressão, entre outros assuntos. Nas onze edições foram encontradas quatro textos, três editoriais e um artigo que fazem referência as lutas feministas.

Os outros assuntos abordados nos editoriais e artigos são relevantes tratam de violência, consumismo, fetichismo, cidadania, poder oligárquico, repressão e subordinação das minorais. Entretanto, o estudo se delimitou a analisar apenas aqueles que tinham vínculo com discurso feminista.

Na edição 348, de 11 de fevereiro de 2014 o jornal traz o artigo intitulado “Trameira Milagrosa”, escrita pela professora e líder do movimento de mulheres, Fátima Guedes. A autora conta o caso de uma moça que contraiu uma doença sexualmente transmissível do marido e hoje sofre preconceitos durante o atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS). A paciente buscou diversos tipos de tratamento, visto que a doença não tem cura, apenas controle. Ela chegou a ir, até mesmo, em uma igreja para receber a cura do pastor, o que lhe custou caríssimo. Todas as tentativas foram fracassadas.

Em um trecho a colaboradora deixa claro o seu incômodo com a atual realidade da mulher que ainda não tem seus direitos assegurados e sofre opressão por parte dos



companheiros e do SUS. “Uma mistura de compaixão e, ao mesmo tempo, de revolta me calou por instantes. Aquela jovem mulher era mais uma vítima da violência sexual praticada por maridos; pela precariedade da Saúde da mulher”. Dessa forma, o texto faz uma reflexão e indaga quantas outras mulheres não contraíram outras doenças, ou são agredidas verbal e/ou moralmente, e até fisicamente por seus maridos e por diversas dependências continuam casadas.

O artigo exemplifica que por mais que a maior parte da mídia retrate uma mulher emancipada, ainda existem milhares que por dependências financeiras, emocionais e afetivas se sujeitam a esse tipo de humilhação. Outro tema explorado é as falhas no tratamento da saúde da mulher, a mesma ficou horas esperando e foi atendida com preconceito por parte dos profissionais, que pensavam que ela tinha pego a doença “na rua” e não de seu companheiro. Este dado reflete o quanto nossas instituições sociais, públicas, ainda apresentam resquícios de valores morais machistas, colocando a mulher sempre numa situação de responsável pelos próprios agravos de sua vida, e a culpando por ser mulher.

Na edição 350, no dia 20 de fevereiro de 2014 o editorial “Por falar em cárcere privado” faz referência há uma notícia publicada no jornal na edição anterior. O texto faz uma síntese do ocorrido, pela primeira vez em Parintins acontece um caso de cárcere privada em que o namorado mantém a parceira trancada em casa por três dias. Entretanto, o editorial vai além do caso de cárcere e fala dos confinamentos de ser mulher. O ponto de vista abordado pelo jornal é que a mulher vive em uma eterna escravidão, se submete ao pai, irmão, marido e são encarceradas de diversas formas, tanto na criação, como na imposição de direitos e preconceitos.

Nesse trecho do editorial da edição 350, o ponto de vista do encarceramento social da mulher fica bem claro:

(...) deixam confundir com meras coadjuvantes de uma sociedade tendenciosamente machista, que encarcera suas filhas, ignora a imposição dos machos em detrimento das liberdades mais elementares daquelas que antes deveriam nascer no coração do homem como companheiras de caminhada.

Aqui há o mesmo discurso dos movimentos feminista da década de 70: igualdade e liberdade da mulher. O editorial poderia tratar apenas do caso bárbaro do cárcere privado, mas opta por ir além e faz uma reflexão de outros tipos que de cárcere que a mulher se prende ao longo da vida. A mulher moderna está sujeita as mais



diversas violências em seu cotidiano, em especial a simbólica, que é perpassada pelas ideologias representativas das superestruturas da sociedade. Define-se a forma de se vestir, andar, que corpo ter, como manter relações estáveis e ser “feliz”, há uma homogeneização do ser feminino, negando todas que não aderem ao sistema ocultamente imposto. Se contrapor a ele, ser representante e lutar nos e pelos movimentos feministas é ser encarada de “machuda”, mal amada e mal resolvida.

Na edição 353, dia 1 de março de 2014 o editorial “Ofensa Moral” trata de um tema que já foi conquistado pela mulher: a pílula anticoncepcional. Apesar de existirem diversas delas gratuitas e até mesmo uma pílula do dia seguinte usado em casos de emergência, não são todas as mulheres que tem acesso. A pílula do dia seguinte é assegurado pela SUS, mas em Parintins é quase inexistente. Uma moça carregava uma placa com os dizeres: “Pílula do dia seguinte grátis” e foi fortemente recriminada por exigir seu direito.

Nesse trecho “(...) precisamos tecer coletivamente possibilidades de escolha e decisão com base na autonomia, igualdade, solidariedade e justiça”, o editorial deixa bem claro que é necessário gerar mudanças para assegurar direitos. O texto defende que apesar das diversas conquistas feministas, ainda vivenciamos uma sociedade culturalmente andocêntrica, as próprias mulheres negam seus direitos e desconhecem as necessidades de seu corpo. A conquista de um direito é resultado de uma luta política e social de movimentos específicos, as mulheres há muito tem lutado por seus direitos e mesmo que estes tenham sido reconhecidos, ainda há inúmeras fragilidades na efetivação dos mesmos. Faz se necessários investimentos em políticas públicas, para que as mulheres possam ter acesso a estes direitos, e isto é um outro processo de luta.

No dia 8 de março, dia internacional da mulher, a edição 355 traz o editorial “Nos porões de invisibilidade”, o texto faz uma crítica ao número cada vez maior de mulheres que são presas. Apesar do crescente número e da lotação dos presídios, essas parecem não ter visibilidade. O texto traz uma reflexão mais ampla sobre as questões que levam as mulheres ao crime e defende que a problemática de gênero precisa ser discutida no âmbito da segurança pública. Observa-se que as mulheres entram na vida do crime, tanto por fidelidade ao companheiro, como por dependência. Na sociedade patriarcal a mulher é vista como uma subpropriedade do homem. Dessa forma é importante descobrir quais razões levam a mulher a auxiliar o marido na ilegalidade.

Nesse trecho, o editorial retrata a importância de se discutir o dia 8 de março: “(...) a data é propícia para a construção do presente debate; também como desafio



contra as desumanas e perversas condições impostas pelo atual modelo econômico na difícil tarefa de sobreviver com dignidade”. O texto desmistifica toda a ideia da mulher ganhar rosas ou ser homenageada em um dia do ano, e em todos os outros sofrer repressões. Foi instituído o Dia Internacional da Mulher e este passou a ser visto como um dia de festa, de feminilidade, perdeu-se o valor político de tal dia, para as lutas e movimentos feministas. A ausência de uma consciência política de grande parte das mulheres brasileiras contribui para este fetichismo. A luta continua, em alguns momentos como em jornais alternativos, com espaços abertos para reivindicações, gritos de revolta ou denúncias, como importante instrumento para atingir nem que seja uma pequena parte de suas leitoras.

Os textos do Plantão Popular se enquadram no discurso feminista e abrangem vários assuntos como a opressão da mulher, as fragilidades das políticas públicas, os preconceitos institucionais. Carvalho (2009) afirma que o feminismo luta pela quebra da visão de mulher como ser inferior, que tem seus direitos violados. Nos artigos analisados percebemos que o jornal e a colaboradora responsável pelo artigo defende esse ponto de vista, o que mostra que ainda existem muito a ser conquistado e que o discurso pela igualdade de gênero deve persistir.

Bel Hooks (2000) *apud* Carvalho (2009) assegura que é por meio da conscientização da mulher que ela se liberta e começa a superar suas dependências emocionais e financeiras do homem. A grande mídia tem feito a função de assegurar o sistema consumidor, reproduzindo um modelo de mulher moderna, profissional, esposa, mãe, acompanha as tendências de beleza estabelecidas, são felizes e satisfeitas com a atual situação da mulher. Pode ser que muitas mulheres se identifiquem neste perfil, entretanto, existem milhares de outras mulheres que são oprimidas, violentadas e tem sua saúde emocional e física prejudicada pelas inúmeras jornadas de trabalho, pelos inúmeros preconceitos vivenciados, pela sua invisibilidade social e a ilusão de que um dia será a “mulher moderna”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do discurso feminista no jornal Plantão Popular foi o ponto de partida desse estudo. O jornal contribui para desmistificar a imagem da “mulher moderna”, independente e que conquistou o seus direitos. E que o movimento feminista é algo ultrapassado na sociedade pós-colonial.



Nos textos analisados fica claro que há um movimento de luta e resistência contra as situações de opressão e preconceito que as mulheres parintinenses têm vivenciado em seu cotidiano, sabe-se que estas situações dificilmente são retratadas na grande mídia. Isso mostra que há uma preocupação do veículo em promover uma reflexão sobre a situação da mulher e o movimento de luta feminista, no âmbito de Parintins.

Essa foi apenas a primeira análise que abre um campo interessante para outros estudos, com foco em analisar artigos de outros veículos em Parintins e até mesmo compará-los. Vale ressaltar, assim como ocorreu nos anos 70, o Plantão Popular hoje, dá voz a comunidade, a luta feminista das parintinenses.

4. REFERÊNCIAS

CARVALHO. Adriana Cintra. PUZZO Mirian Baub. **Textos Opinitivos**: Uma questão de gênero. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação - XXVI Congresso de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 de setembro de 2003. Disponível:http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_temas_carvalho.pdf Acesso: 03 de junho de 2012

CARVALHO. Maria Eulina Pessoa. **Feminismo e construção da cidadania das mulheres**: avanços e desafios nos campos da educação, trabalho e política no início do século XXI. IN: BRABO Tânia Marcelino (Org). Gênero, Educação e Política: Múltiplos Olhares. Trindade, SP: Ícone, 2009.

DUTRA. Tuanny da Glória. SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues. **Jornalismo de Resistência nos Artigos Opinitivos do Plantão Popular**. IN: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte - Manaus, AM – 01 a 03 de maio de 2013. Disponível: <http://portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0085-1.pdf> Acesso: 15 de janeiro de 2014

TRIGO. Maria Helena. BRIOSCHI Lucila. **Política e Gênero**. IN: BRABO Tânia Marcelino (Org). Gênero, Educação e Política: Múltiplos Olhares. Trindade, SP: Ícone, 2009.

MÉNTES, Natalia Pietra. **Feminismo, imprensa e poder no Brasil contemporâneo**. Revista Méti: história & cultura – v. 6 n. 12 – jul/dez. 2007 Disponível: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/848/604> Acesso em: 1 de março de 2014

Melo. José Marques. **Jornalismo Opinitivo**: A expressão opinativa no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003

WOITOWICZ , Karina Janz. **Vozes do feminismo na imprensa alternativa**. As lutas das mulheres nos jornais de oposição no período da ditadura militar. IN: 3º Encontro da Rede Alfredo de Carvalho - Feevale/Novo Hamburgo - 14 a 16 de abril de 2005. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ufrgs.br%2Falcar%2Fencontros-nacionais-1%2F3o-encontro-2005> Acesso: 24 de fevereiro de 2014